



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

POESIA EXPERIMENTAL PORTUGUESA: CONTEXTOS, ENSAIOS, ENTREVISTAS, METODOLOGIAS.

Rui Torres (ORG.)



edições UNIVERSIDADE
FERNANDO PESSOA



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Poesia Experimental Portuguesa: Contextos, Ensaios, Entrevistas, Metodologias.

ORGANIZADOR

Rui Torres

© 2014 - Universidade Fernando Pessoa

EDIÇÃO

edições Universidade Fernando Pessoa

Praça 9 de Abril, 349 | 4249-004 Porto | Portugal

Tlf. +351 225 071 300 | Fax. +351 225 508 269

edicoes@ufp.edu.pt | www.ufp.pt

DESIGN

Oficina Gráfica da Universidade Fernando Pessoa

ISBN

978-989-643-121-1

Este livro contém alguns dos resultados do projecto 'PO.EX'70-80 - Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa', financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com fundos da União Europeia com a Referência PTDC/CLE-LLI/098270/2008, o qual teve como Investigador Responsável Rui Torres, e como Instituição Proponente a Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa (FECFP). Teve Início a 01-03-2010 e terminou em 28-02-2013. O Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa está disponível em <http://www.po-ex.net>

OS CONTEÚDOS DESTA EBOOK SÃO DA INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

Reservados todos os direitos. Toda a reprodução ou transmissão, por qualquer forma, seja esta mecânica, electrónica, fotocópia, gravação ou qualquer outra, sem a prévia autorização escrita do autor e editor é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



189

COMO FAZER POEMAS COM OBJETOS¹

Manuel Portela²

A possibilidade de os objetos do quotidiano participarem do processo semiótico que caracteriza os sistemas simbólicos como a linguagem depende da cisão entre aquilo que o objeto é e aquilo que ele representa ou pode representar. Um sapato ou uma gravata ou uma cadeira ou um prato ou uma mala ou uma caixa ou um automóvel ou uma casa tornam-se assim significantes que excedem a função específica corporizada na sua forma material. Ao participarem da semiótica social que produz identidade de classe e relações de poder, os objetos contêm múltiplas camadas semânticas que interpelam os indivíduos e determinam o exercício simbólico do poder. Simultaneamente, os objetos adquirem camadas de sentido que as experiências singulares a que estão associados vão depositando na memória do sujeito que com eles se relaciona. Para além das formas ritualizadas especificamente concebidas para transformar objetos em símbolos, como acontece com as alaias religiosas, a dimensão simbólica dos objetos parece implicar essencialmente aqueles dois estratos semânticos: a semiótica social que faz dos objetos marcadores que reproduzem as relações sociais de produção, identidade e poder, e a semiótica da memória individual que projeta no objeto as experiências afetivas e relacionais construídas ao longo do tempo.

Os objetos-poemas de António Barros parecem nascer nessa tensão entre processos sociais de produção de sentido, que predeterminam as possibilidades simbólicas de um objeto, e processos individuais de redizer o mundo, que reclamam uma possibilidade de ressignificação e de presença do sujeito no mundo violento dos signos. Num certo sentido, os objetos-poemas fazem com a linguagem dos objetos aquilo que tentamos fazer com a linguagem verbal: inscrever a singularidade da experiência e conhecimento individual do mundo usando um vocabulário comum, predeterminado no repertório de atos de fala que coloca à nossa disposição para agirmos simbolicamente sobre nós próprios e sobre os outros. O processo de ressignificação poética do objeto implica duas operações: uma desfuncionalização paradoxal do próprio objeto, que faz sobressair a sua carga simbólica, seja ela política ou afetiva; e uma recontextualização conseguida através de inscrições verbais que potenciam a semiose objeto-palavra-objeto. A semiotização do objeto e a objetualização da palavra tornam-se deste modo processos paralelos. Através do novo signo formado pela circulação de sentido entre a forma particular do objeto e a forma particular da palavra, os seus objetos-poemas oferecem-nos uma pragmática do objeto como ato de fala que se diz a si próprio.

Nas obras da exposição 'obgestos' (Coimbra, Casa das Caldeiras, Outubro de 2010) encontramos essa interrupção semiótica da função do objeto, agora transformado em multi-signo expressivo. 'Ex_Patriar', por

¹ Este texto é parte integrante do projecto-livro "Uma Luva na Língua", com ensaios sobre António Barros [em preparação].

² Professor auxiliar com agregação do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Coimbra.

exemplo, é formado pelas letras 'P EX' alinhadas verticalmente, com 'P' negro sobre a forma oval branca (que sugere o 'O') e 'EX' em branco sobre fundo negro. Na sua configuração gráfica e espacial aqueles signos constroem simultaneamente uma alusão ao movimento PO.EX (com a figuração do ovo a evocar, adicionalmente, obras de António Aragão e Silvestre Pestana, e o acrónimo a referenciar a afirmação retrospectiva do movimento 'poesia experimental' realizada no final da década de 1970); uma recriação da memória do autor como observador e participante na exploração do concetualismo e da processualidade na criação artística; e uma referência ao processo político de dissolução da soberania da identidade associada ao 'P' pictogramático afixado nos automóveis como abreviatura de Portugal. A força ilocucionária destes signos enquanto língua em ação depende de uma rigorosa configuração material capaz de concetualizar múltiplos estratos referenciais e simbólicos.

Idêntica estratificação semântica surge na gestualidade enunciativa de outros objetos que articulam a referência ao real social e político com a memória individual, através de associações paradoxais e enigmáticas, como acontece na obra 'Com Pés de Vegécio' (2012). As palavras nas palmilhas dentro dos sapatos, os sapatos e os grampos que os prendem ao livro-suporte mantêm entre si o nexo oblíquo necessário para gerar um fluxo indecível de sentido. Graças a isso, a obra ganha a presença do inconsciente que a torna capaz de exceder aquilo que diz e aquilo que faz. A fisicalidade do real sedimentado na memória pode surgir ainda associada à perceção dos objetos no mundo e do mundo como objeto. Na instalação «Valsamar» (2010) a experiência do lugar é evocada por meio da contiguidade material das inscrições fotográficas e fonográficas e pela presença da própria água e das areias vulcânicas. A materialidade do real é designada e convocada através da sua reinscrição sensorial nos olhos e nos ouvidos em interação com a prótese abstrata das palavras. Refletindo o painel vertical de fotografias do mar a preto e branco dentro da sua caixa preta horizontal, o espelho de água torna-se num correlato da presença vestigial de uma perceção singular do mar num lugar da memória, mas também uma projeção imaginária do desejo de estar diante do mar como se nunca antes o tivesse visto.

Para compreendermos um pouco mais o modo como a obra de António Barros joga com a performatividade da significação, devemos considerar ainda o movimento simétrico de objetualização da palavra. Se uma intervenção material de deformação e transformação de um objeto quotidiano o transforma num signo tridimensional, a intervenção gráfica sobre a palavra tem o efeito de objetivar a linguagem, tornando-a visível e tangível. O movimento em torno de objetos ressignificados como escultura ou instalação encontra o seu equivalente no movimento em torno da palavra objetualizada. O espaço concetual do sentido ganha um corpo material diante do sujeito, como se os processos metafóricos e metonímicos de reassociação de significantes pudessem traduzir-se num espaço tridimensional e cinético de objetos-signos e palavras-objeto em interação percecionável. Objetos e palavras inscrevem a sua presença gestual no real, chamando a atenção para a sua ação na produção das possibilidades de mundo. Ao apontarem para si próprios, auto-referenciando-se, sugerem a coincidência consigo próprios (como se a linguagem pudesse naturalizar a ligação entre signos e referentes), mas também o movimento de substituição simbólica que, a partir de uma intervenção material, desencadeia um novo processo de sentido.

Num poema visual como 'E s c r a v o s' (1977), por exemplo, a possibilidade de transformação social simbolizada no período revolucionário através da palavra 'cravos' é ironicamente traduzida como um breve interregno entre uma ordem social anterior opressiva e uma ordem social posterior em que as condições iniciais se reconstituem. A imagem de uma outra forma de organização social, contida no próprio interior da palavra usada para significar uma ordem política opressiva, surge já como memória de uma possibilidade não realizada. A estrutura da palavra funciona como homologia da estrutura social, revelando a persistência de uma ordem de coisas e de sentido, mas também o potencial de transformação contido nessa ordem. O

desenho tipográfico da letra evoca as inscrições e palavras de ordem grafitadas no espaço apropriado das paredes nas ruas, tornando-se materialmente contígua da expressão de liberdade manifesta nessas inscrições. A repetição oferece na temporalidade do texto uma imagem concentrada da passagem do tempo, que documenta o seu tempo histórico e se oferece, ao mesmo tempo, como crítica do presente que expõe a brutal persistência retórica da palavra 'cravos'.

Um trabalho similar de decomposição, recomposição e transformação da palavra ocorre em 'Revolução' (1977). A dinâmica do processo revolucionário é mimetizada graficamente através do apagamento gradual da letra 'v', substituída pela letra 's', de novo por 'v' e, finalmente, através do apagamento da letra 'r'. A longa tira que se prolonga da parede pelo chão fora evoca na repetição cinética das diferentes palavras a passagem do tempo. A transformação de 'revolução' em 'evolução', depois de um conjunto de estágios intermédios em que a palavra procura uma 'solução', recapitula o intenso processo de lutas políticas e sociais e termina com uma alusão à reconstituição das estruturas de poder no Portugal pós-revolucionário. Na palavra 'evolução' está contida, por apagamento, a memória da palavra 'revolução' mas também a constatação do fracasso da mudança social. A transformação cinética de umas formas nas outras é a descrição de um processo histórico e ao mesmo tempo a presença da forma anterior da palavra como inconsciente reprimido da forma presente.

Interpelado pelo dinamismo da intersecção objeto-palavra e palavra-objeto, o sujeito apreende a ação e o efeito do sentido. O ato de fala, enquanto modo particular de ação social mediado pela língua, é alargado à presença performativa dos objetos na dinâmica social e na memória do sujeito. Ao decompor e deformar palavras e objetos, ao justaporem objetos e palavras, poemas-objetos e objetos-poemas materializam uma intervenção performativa do sujeito sobre a semiótica social, subvertendo os modos de produção e circulação de sentido quotidiano dos signos. Não se trata de fazer coisas com palavras ou de dizer coisas com objetos, refuncionalizando-os de acordo com uma pragmática pictográfica, mas de criar uma experiência da ação e do fazer poético como instanciação da singularidade perceptiva numa forma material. Fazer poemas com objetos (e com as palavras como objetos) é dar-nos a possibilidade de perceber o poema como experiência, que abre um espaço sentido e de imaginação de um outro mundo.





UNIVERSIDADE
FERNANDO PESSOA

WWW.UFP.PT